

Memórias Póstumas de Brás Cubas *romance fora do lugar*

Davi Padilha Bonela

RESUMO

Este artigo se insere na tradição de estudos sobre a obra de Machado de Assis *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. O seu objetivo é analisar a posição literária do autor e de outros autores e comentadores do romance em questão, diante da singularidade de um romance que não passava pela voga temática da nacionalidade de acordo com os movimentos vigentes no campo literário brasileiro do século dezenove: seja pela formação de um mito de origem no Romantismo, seja no retrato dos costumes nacionais no Naturalismo.

ABSTRACT

This article is part of the tradition of studies on the work of Machado de Assis *Posthumous Memoirs of Brás Cubas*. Its goal is to analyze the position of the literary author and other authors and commenters of the novel in question, given the uniqueness of a novel that was just the fashionable theme of nationality according to the prevailing movements in Brazilian literary field of the nineteenth century: it by the formation of a myth of origin in Romanticism, is the portrait of national costumes in Naturalism.

“Depois da leitura de *Brás Cubas* comecei a entender
que se podia ser um grande escritor brasileiro,
sem falar de índios, de caipiras ou da roça”.¹

José Veríssimo

Das idéias ao romance fora do lugar

É tão querida a expressão *idéias fora do lugar* entre os críticos literários quanto *olhos de ressaca* entre os leitores quando o assunto é Machado de Assis. Diz respeito a um ponto de vista sociológico do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pelo qual Roberto Schwarz² identificou o costume da sociedade brasileira do século dezenove de importar idéias estrangeiras e adaptá-las à realidade de um país havia pouco tempo tornado-se independente no “concerto das nações”, para repetir uma expressão do século dezenove atribuída à Leopold Van Ranke.

Liberalismo, abolicionismo, direitos civis circularam entre os países europeus no encaminhamento de uma organização ideológica da economia capitalista. Quando recebidas no Brasil, essas idéias assumiram feições distintas que possibilitaram, por exemplo, a existência da escravidão e a reprodução de princípios da Declaração dos Direitos do Homem na Constituição. Idéias conflitantes demais para ocupar o mesmo lugar. Trata-se de um fenômeno que retrocede à colonização que formou classes sociais de latifundiários, escravos e homens livres que relacionaram-se através de dominação e do favor. Na primeira, o latifundiário dominava o escravo, enquanto na segunda, referente aos homens livres, existiu uma dependência material direta ou indireta do dominante, uma relação escusa de favores.³ E para Roberto Schwarz, os romances de Machado de Assis possuem personagens alegóricos dessa sociedade que revelaram essas adaptações, os seus desdobramentos e as suas conseqüências. Unindo crítico literário e

1 José Veríssimo citado em Raimundo Magalhães Júnior. *Vida e obra de Machado de Assis*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. p. 376

2 SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1ª ed. 1977. _____. *Um mestre na periferia do capitalismo* - Machado de Assis. São Paulo, Ed. Duas Cidades, 1ª ed. 1990.

3 “Esquemmatizando, pode-se dizer que a colonização européia produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo, e o ‘homem livre’, na verdade dependente. Entre os primeiros dois a relação é clara, é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários, nem proletários seu acesso à vida e a seus bens depende materialmente de um favor, indireto ou direto, de um grande.” SCHWARZ, Roberto. “As idéias fora do lugar”. In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2000. p.3

autor já foi dito mais de uma vez que o país continha uma sociedade *obliqua e dissimulada*, feito os olhos de Capitu pareciam ao agregado.

Antes de Roberto Schwarz a aparição da sociedade brasileira nas personagens machadianas já havia sido explorada. Em *A pirâmide e o trapézio*⁴, Raymundo Faoro analisa a sociedade da segunda metade do século dezenove, ao longo do segundo reinado, política e economicamente a partir de personagens e de situações nas quais Machado de Assis as inseriu. Raymundo Faoro⁵ e Roberto Schwarz encontraram nessas personagens um componente de cada classe social: os políticos, os ocupantes do clero, os capitalistas, os comerciantes, os funcionários públicos, até os escravos. Bentinho, Brás Cubas, Quincas Borba, José Dias, o escravo Prudêncio,...., latifundiários, capitalistas, agregados, escravos, etc. etc.⁶

Com o seu valor já devidamente fixado por toda a crítica literária posterior àquela que definiu Machado de Assis como um mestre na periferia do capitalismo, esse ponto de vista não encerra a questão da singularidade de um *Memórias Póstumas de Brás Cubas* onde o

4 FAORO, Raimundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1974.

5 É impossível não relacionar essa abordagem ao seu clássico ensaio social *Os donos do poder*, obra na qual Faoro identifica o período colonial brasileiro como a origem da corrupção e burocracia no país, colonizado por Portugal, então, um Estado absolutista corroído pelo vício organizados em torno de uma definição patrimonialista que aqui só será mencionada.⁷ A prática resultante desse mal original consiste na aparência de doação, de favor, no lugar da conquista da propriedade privada, além da existência da vassalagem intermediando soberano e súditos e não de posses e homens livres. FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. Formação do Patronato Político Brasileiro (2a ed. revista e aumentada). Porto Alegre/São Paulo, Editora Globo/EdUSP, 1990. Essa interpretação da obra de Raymundo Faoro é corroborada por BOSI, Alfredo. Raymundo Faoro leitor de Machado de Assis. *Estudos Avançados*, 2004, vol.18, n.51, pp. 355-376.

6 Visto em conjunto, as obras de Faoro e Schwarz possuem afinidades que merecem uma análise depurada, o que não será feito aqui, no entanto, cabe ressaltar que os autores compartilham a mesma concepção de romance e a formação teórica de interpretação do texto literário, qual seja, a do pensamento marxista formulada por Lukács na *Teoria do Romance*. Cf. LUKÀCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. Segundo Alfredo Bosi, Faoro cita Lukács uma só vez para reforçar a crítica do realismo de detalhe avulso para valorizar o realismo preocupado com o conjunto da composição. Cabe ao romancista moderno configurar as várias faces dos conflitos. Cf. Bosi. *op.cit* 2004. Leandro Konder identifica matizes semelhantes e aprofundadas em Roberto Schwarz, inequivocamente marxista, que passa pela leitura de obras de Lukács, de Adorno, de Brecht e de Walter Benjamin; e também o estímulo proveniente do diálogo com Antonio Candido. KONDER, Leandro. Roberto Schwarz. In: *Intelectuais Brasileiros & Marxismo*, Ed. Oficina de Livros, Belo Horizonte, 1991. Ambos os autores não ignoram as relações, ora de afinidade, ora de distanciamento, que o narrador entretém com a trama social. Daí a identificação de Machado de Assis e do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* com o realismo. A partir desta relação fundamental entre romance e sociedade, costume do realismo, Faoro e Schwarz autores identificaram a estrutura política e econômica brasileira do século dezenove através dos personagens e situações machadianas, constituindo um conjunto de obras complementares, nesse sentido.

estabelecido foi d' *O Guarani* à *O mulato*, romantismos e naturalismos, e também não encerra a questão dessa mesma singularidade dentro do conjunto de obras de Machado de Assis. Se é verdade que a literatura costuma por em cena as nuances de interpretações existentes em uma época sobre seus eventos na medida em que provém dessa mesma sociedade⁷, não é verdade que apenas essa decifração alegórica pode fixar um autor e um romance no seu tempo. A relação entre literatura e sociedade também pode ser analisada abarcando as regras específicas do campo literário no qual ocorreu a publicação, a sua inserção entre outras obras, entre o cânone estabelecido, entre pares do escritor, os críticos, os leitores.

Objetivo deste artigo é analisar a sua inserção no campo literário brasileiro do século dezenove nos seguintes termos: identificar a posição de Machado de Assis sobre o programa literário romântico e naturalista brasileiros para o qual será analisada a crítica literária que ele produziu sobre o gênero; identificar a recepção do romance expressa pela crítica especializada da época para a qual será analisada a crítica literária de Silvio Romero, maior crítico da obra de Machado de Assis. Minha hipótese é que o romance em questão não foi fixado nos gêneros estabelecidos no país e permaneceu como obra à inclassificável. O sucesso de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no entanto, é inquestionável, condição que possibilitou outra formação literária para além do cânone literário de busca por uma nacionalidade vigente à época. É um romance fora do lugar, porque opôs-se aos gêneros romântico e naturalista, majoritários, porque opôs-se a tradição estabelecida acerca da temática da nacionalidade, seja pela estética romântica que visava o forjamento de um mito de origem da nação, seja a naturalista de descrição dos costumes nacionais. Além disso, trouxe à esse campo literário novas formas de tratamento de questões relativas à sociedade brasileira, principalmente a exposição de uma estrutura social formulada pelo princípio do capital, do *status*.

Considerando o contexto no qual Machado de Assis escreveu *Memórias Póstumas de Brás Cubas* creio que seja correto dizer que trata-se de um *romance fora do lugar*. A diferença entre uma *idéia fora do lugar* e um *romance fora do lugar* reside no procedimento de análise admitindo a existência de uma e outra, aliás, acredito que elas se complementem. No procedimento que trata de uma *idéia*, a análise do romance é realizada através da interpretação de passagens, da ponderação dos personagens, da estrutura do romance como um reflexo o lugar do escritor no seu tempo. Enquanto no outro, ou seja, no procedimento que trata de um romance, a análise é realizada através da coleta de informações divulgadas pelo escritor sobre o livro, das filiações com outros escritores, do recebimento pela crítica literária da época, da

7 Embora prefira entender a literatura como “prática simbólica que põe em cena determinados materiais históricos” e não como forma de apreensão imediata do real e a propósito ver: HANSEN, João Adolfo. Os lugares das palavras. *Registro*. Mariana, 2(4), set., 1995/ fev.1996, a adesão do romance como reflexo da realidade é recorrente na teoria literária marxista, e a propósito ver: Lukacs. *Op. cit.* 2000.

identificação do lugar permitido para o romance. Em última instância, já está claro que o tanto a idéia quanto o romance residiram à custa do lugar ocupado pelo autor.

Indo adiante, a sugestão deste artigo que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foi um romance fora do lugar opera com dois conceitos fundamentais: campo literário e habitus. A noção de campo, segundo Pierre Bourdieu, permite superar a oposição entre as leituras internas e as análises externalistas, na medida em que se considera tanto o sistema de possibilidades – conjunto de convenções e referências estéticas e temáticas herdadas da história do campo (definidas a partir de disputas e tomadas de posição entre os agentes) quanto as posições ocupadas pelos agentes nele envolvidos, as relações entre eles, o capital (simbólico ou material) de que cada um dispõe, o reconhecimento que lhes é concedido pelas instituições de legitimação, pelos seus pares e pelo público consumidor.

Campo é um espaço social que possui seus próprios pressupostos, princípios de validação, legitimidade, instituições, sistemas de classificação e modos de sustentação e divulgação específicos. Esses elementos são socialmente construídos e historicamente datados, sendo que um campo pode ter maior ou menor autonomia em relação a outros campos. Esses dados, por sua vez, são sempre, ao mesmo tempo, instrumentos e alvos de lutas, elaborados a partir das tomadas de posição e de disputas entre os agentes envolvidos.⁸

É perceptível, no campo literário da segunda metade do século dezanove brasileiro, por exemplo, disputas por definições da origem da nação ou, ainda, discussões intensas em torno de delimitações acerca dos gêneros literários com os quais essa temática foi exposta, o Romantismo e o Naturalismo. De acordo com Bourdieu, uma das apostas centrais da rivalidade literária é o monopólio da legitimidade literária, ou seja, o monopólio do poder de consagração dos produtores e do produto. Regras de produção da arte que influem na trajetória do escritor, Bourdieu chama de habitus: “o produto de toda a história individual, (...) através das experiências formadoras da primeira infância, de toda a história coletiva da família e da classe.”⁹

8 BOURDIEU, Pierre. *op. cit.* 1996

9 BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990, p. 130-131 As mudanças de configuração no interior do campo artístico-literário são comumente acompanhadas de mudanças políticas e econômicas que criam novas possibilidades de inserção da arte. BOURDIEU, Pierre. *op. cit.* 1996, p. 281-285.

Habitante do lugar das idéias fora do lugar

Para ser bem entendido, Machado de Assis deve ser visto como o produto de uma trajetória e de uma posição específica no interior da sociedade.

A sua vida privada sempre esbarra na carência de registros, fato que não impediu a existência de obras do gênero¹⁰, além da maior fortuna crítica entre os escritores brasileiros.¹¹ Na *Introdução* à correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco,¹² Graça Aranha sugere que as trajetórias dos missivistas representaram um movimento antagônico de mobilidade da sociedade brasileira do século dezenove. O primeiro, de posição aristocrática defendeu a abolição da escravatura, um traço de identificação com as classes subalternas, e o segundo, de posição subalterna criou a Academia Brasileira de Letras, um traço de identificação com a aristocracia, de ascensão social. Graça Aranha identifica Machado de Assis como um verdadeiro habitante do lugar das idéias fora do lugar no qual “ambos tiveram de romper com as suas classes e heroicamente afirmar as próprias personalidades”.¹³ Descendente de escravos, homem livre, letrado, funcionário público, formador de opinião pública etc., é claro que outros indivíduos dessa sociedade foram marcados por tantas contradições e a exemplo de Joaquim Nabuco sabe-se que esse foi um fenômeno extensivo a todas as classes. Essas características apuram a compreensão do lugar ocupado por Machado de Assis nessa sociedade e surtiu efeito na avaliação que a crítica literária da época fez dele e do romance como se verá na avaliação da crítica literária feita por ele, feita sobre ele.

O estabelecimento do campo literário no qual o autor fez sua carreira tem seu início identificado pela publicação da revista *Niterói*, em 1836, o qual estabeleceu-se o a orientação da

10 A sua vida privada sempre esbarra na carência de registros, fato que não impediu a existência de obras do gênero. Cf. MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis: 1839 – 1870: ensaio de biografia intelectual*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1971.

11 A fortuna crítica sobre a obra de Machado de Assis aumenta sem cessar, fato que inviabiliza uma revisão bibliográfica integral. Mas, existem estudos dessa natureza. Em *A fortuna crítica de Machado de Assis*⁷, Wilson Chagas criou um panorama dessa bibliografia secular, e, em *Esquema de Machado de Assis*⁷, Antonio Candido organizou-a através das questões que nortearam os estudos machadianos ao longo dos anos.

12 “Coletada, introduzida e comentada por Graça Aranha, a correspondência entre Machado de Assis e Joaquim Nabuco foi publicada pela primeira vez por Monteiro Lobato em 1923. Segunda edição foi feita pela Briguiet, compondo o volume IV das Obras completas de Graça Aranha. Trata-se de um conjunto numericamente modesto de 53 cartas e um bilhete. Machado comparece com 31 cartas, Nabuco com 22”. Cf. ARANHA, Graça. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*. Comentários e notas à correspondência entre esses dois escritores. Rio de Janeiro, Monteiro Lobato & Cia., 1923.

13 ARANHA; *op. cit.*; 2003 p.25

teoria do nacionalismo literário que fundamentou o gênero romântico no Brasil.¹⁴ A partir da publicação da revista, Gonçalves Dias, Gonçalves Magalhães, José de Alencar e outros fundamentaram uma literatura cujo objetivo era forjar o mito de origem da nacionalidade e seus elementos constitutivos.

Nesse programa, o índio e a natureza foram identificados com a “origem” e “singularidade nacional”, enquanto o contato com o europeu foi identificada com a “forma de civilização”.¹⁵ A longevidade dessa tópica da nacionalidade da literatura brasileira é indiscutível, tanto que, apesar das modificações no plano estético, a introdução de novos gêneros literários, não significou a substituição dessa tópica; certamente não ao longo do século dezanove.¹⁶

Até mesmo a grande oposição empreendida pelos autores identificados com o Naturalismo ao gênero romântico não significou a perda da primazia da temática da nacionalidade na configuração do campo literário brasileiro desse período.¹⁷

De acordo com Flora Sussekind, a literatura do período esforçava-se para a consolidação de uma nacionalidade.

Parece precisar exatamente do olhar armado do naturalista para um ‘abrasileiramento’ de cenários e para a tentativa de traçar um roteiro seguro que ligue materiais a rigor heterogêneos como a técnica do folhetim, a trama da novela histórica ou do melodrama, paisagens locais singulares e situações exemplares, com

14 Os estudos em questão foram escritos por Gonçalves de Magalhães e Pereira da Silva na revista Niterói, tendo como “bússola” as idéias expressas por Ferdinand Denis em seu *Resumo da história literária do Brasil*. Antonio Candido, em *Formação da literatura brasileira* (vol. 2), já considerava que os estudos críticos de Gonçalves de Magalhães e Pereira da Silva na revista Niterói, estabeleceram o ponto de partida para a teoria do nacionalismo literário, tendo como “bússola” as idéias expressas por Ferdinand Denis em seu *Resumo da história literária do Brasil*. Paulo Franchetti corrobora a afirmativa, ao dizer que o *Ensaio sobre a História da literatura do Brasil*, publicado por Gonçalves de Magalhães na revista Niterói, é o documento inaugural do programa romântico brasileiro, já que suas propostas, diagnósticos e até mesmo suas metáforas de base terão larga fortuna na historiografia e na reflexão sobre a literatura no Brasil ao longo do século XIX e no século XX. Cabe esclarecer que uma das metáforas de base à qual Franchetti se refere é aquela que diz que a literatura brasileira é um “galho secundário da literatura portuguesa”, utilizada com poucas modificações pelo próprio Antonio Candido, em *Formação da literatura brasileira*, (vol. 1). cf. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981 Vol. 2, p. 13; e FRANCHETTI, Paulo. O triunfo do romantismo: indianismo e estilização épica em Gonçalves Dias. In: *Multiclássicos épicos*. TEIXEIRA, Ivan (org). São Paulo: Edusp, 2008 p. 1097.

15 Exemplos desses forjamentos são: *I-Juca Pirama* de Gonçalves Dias, publicado em 1851, e *Iracema* de José de Alencar, publicado em 1865. Tratam-se de dois épicos românticos nos quais os elementos identificados “índios”, “natureza” e “contato com o europeu” são operacionalizados.

16 Aos elementos identificados pelo Romantismo podem ser incluídos os “tipos regionais brasileiros”, dos quais exemplos são: *O Sertanejo* (1875) e *O Gaúcho* (1870) escritos por José de Alencar.

17 A crítica feita pela “geração de 1870” disse respeito ao plano estético romântico, porque a introdução deste outro gênero literário, no Brasil, não significou uma reorganização do campo literário na qual outra temática substituiu o tema da nação que persistia como critério fundamental para o julgamento artístico. E nesse julgamento, o principal crítico era Silvio Romero.

as quais ia se construindo à época.¹⁸

A obra literária, portanto, não possui um valor intrínseco e sim um valor socialmente construído. A crença no valor da expressão da nacionalidade foi construída desde os primeiros textos programáticos Romantismo e perpetuada, ainda que em oposição estética, nos textos do Naturalismo.

Para Luis da Costa Lima, esse programa era um desdobramento de uma prática das descobertas de novas sociedades, referência antiga do imaginário coletivo ocidental, no caso, da Europa.

É por essa via que as Américas e o Oriente são internalizados pelo imaginário ocidental. Tal internalização basicamente significava a domesticação da diferença. [...] a experiência da relatividade dos valores podia ser perturbadora e afinal danosa para os que a admitiam. [...] A exploração do excessivo sob a forma de sua conversão em exótico se distingue e diferencia por não estimular nem projetos modificadores da ordem estabelecida, nem tampouco o questionamento das verdades aceitas, senão que em alimentar a fantasia do receptor, potencialmente a investindo de móveis pragmáticos.¹⁹

Todavia, esboçava-se uma mudança do natural para o cidadão, do nativo para a classe social. O gênero romântico alterou-se por parte dos seus autores antes mesmo da oposição naturalista ao seu plano estético mitificador; adentrava-se ao romance urbano, como pode ser exemplificado a partir da obra de José de Alencar. Para ele, a estética romântica em determinado momento estava sendo “ultrapassada”. Para exemplificar, basta essa citação do prefácio da obras:

Em todo caso, encontram-se muitas vezes, nestas páginas, exuberâncias de linguagem e afoitezas de imaginação, a que já não se lança a pena sóbria e refletida do escritor sem ilusões e sem entusiasmos. Tive tentações de apagar alguns desses quadros mais plásticos ou pelo menos de sombrear as tintas vivas e cintilantes.²⁰

Por definição, o campo literário brasileiro do século dezenove foi orientado em busca de um forjamento da nacionalidade fundamentado em tipos específicos como o índio, o sertanejo, a natureza, entre outros.

18 SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p.123

19 LIMA, Luis Costa. *Pensando nos trópicos: dispersa demanda II*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p.98

20 Mesmo esse autor, modificou o caráter da sua obra com o passar dos anos. Nesta introdução à *Senhora*, publicado em 1875, encerra a série de obras com o subtítulo “Perfil de Mulher” que introduziram o romance psicológico no Brasil.

Autor romântico, crítico do romantismo

A associação à imagem de maior escritor da literatura brasileira que vislumbra nas páginas de crítica literária diz respeito ao autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esau e Jacó* (1904), *Memorial de Aires* (1908) e não ao escritor de *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Poesias Americanas* (1875) identificadas com o gênero romântico pelo qual iniciou sua carreira literária.

Machado de Assis foi escritor romântico dos dois tipos com os quais esse gênero costuma ser classificado: indianista e byroniano. Em poesia, correspondem à primeira classificação, as poesias *Americanas* e *Continentalis*, à segunda correspondem *Falenas* e *Crisálidas*.

Creio que os nomes dos poemas que compõem a coletânea *Poesias Americanas* demonstram o caráter romântico indianista da obra.

Potira, Niânia Cristã-nova, José Bonifácio, A visão de Jaciúca, A Gonçalves Dias,
Os semeadores, A flor do Embiruçu, Lua Nova, Sabina, Última Jornada, Os Orizes.

Da mesma forma, a dedicatória e a epígrafe do poema *A Gonçalves Dias*.

“Ninguém virá, com titubeantes passos,

E os olhos lacrimosos, procurando

O meu jazigo...”

GONÇALVES DIAS. Últimos Cantos.

“Tu vive e goza luz serena e pura.”

J. BASÍLIO DA GAMA. Uruguai, c. V.

Machado de Assis foi escritor romântico dos dois tipos com os quais esse gênero costuma ser classificado: indianista e byroniano. Em poesia, correspondem à primeira classificação, as poesias *Americanas* e *Continentalis*, à segunda correspondem *Falenas* e *Crisálidas*. O índice com os títulos dos poemas, a dedicatória à Gonçalves Dias e a epígrafe de Basílio da Gama demonstram a adesão do autor ao núcleo programático do gênero romântico brasileiro tendo em vista que essas são as práticas usuais de socialização na obra de arte. São formas de estabelecer contato, demonstrar filiações, de ratificar o compromisso com determinado programa, de acordo com abordagem já mencionada de Pierre Bourdieu.

Quanto aos romances anteriores à Memórias Póstumas de Brás Cubas, chamados romance de primeira fase, Roberto Schwarz²¹ analisa-os já com uma perspectiva de perscrutação social por parte de Machado de Assis especialmente *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878) tratam do tema da desigualdade social, embora de forma superficial. O mesmo aspecto poderia ser identificado em romances urbanos de José de Alencar como os escritos sob o título de *Perfil de mulher*, principalmente *Senhora*, mencionado anteriormente. A justificativa para o imobilismo das classes sociais nesses primeiros romances de Machado de Assis ou nos últimos de José de Alencar é que “pela recusa da solução pessoal a sua análise é de classe, sim, entretanto a sua dimensão coletiva não tem seqüência”.²² Algo como uma componente de classe de consciência da mesma. Mas a temática, no entanto, para romances, mesmo os de primeira fase, não são as do romantismo. Quer dizer, Machado de Assis foi um poeta romântico apenas. Talvez no esforço de entrada ao círculo restrito que é o literário.

Machado de Assis também foi estudioso do gênero romântico, atuando como crítico e, entre escritor e crítico, uma diferença de postura. Constam as críticas sobre Álvares de Azevedo²³, Castro Alves²⁴, Fagundes Varela²⁵, Joaquim M. Macedo²⁶, José de Alencar²⁷, Junqueira Freire²⁸, entre outros autores; todos eles identificados com o romantismo literário. A avaliação de Machado de Assis sobre estes autores, sobre o Romantismo, seria longa, todavia, pode ser resumida pelo artigo *Instinto de nacionalidade*.

Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro. As tradições de Gonçalves Dias, Porto-Alegre e Magalhães são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madruga, como aqueles continuaram as de José Basílio da Gama e Santa Rita Durão. Escusado é dizer a vantagem deste universal acordo. Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional. Esta outra independência não tem Sete de Setembro nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo. (...) Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura. (...) Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente

21 SCHWARZ; *op. cit.*; 1977

22 *Idem.* p.132

23 Publicado na “Semana Literária”, seção do Diário do Rio de Janeiro, 26/06/1866.

24 Resposta a uma carta de José de Alencar. Publicada originalmente no Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 01/03/1868.

25 Publicado originalmente na “Semana Literária”, seção do Diário do Rio de Janeiro, 06/02/1866.

26 Publicado originalmente na “Semana Literária”, seção do Diário do Rio de Janeiro, 16/01/1866.

27 Publicado originalmente na “Semana Literária”, seção do Diário do Rio de Janeiro, 23/01/1866.

28 Publicado originalmente em “Semana Literária”, seção do Diário do Rio de Janeiro, 30/01/1866.

alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. *O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.* 29

A crítica dirige-se ao Romantismo, mas pode ser avaliada, hoje, como à configuração do campo literário brasileiro do século dezanove, porque, como já foi dito, a mudança dos gêneros não significou a mudança da temática fundamental que era expressa. A passagem é auto-explicativa, creio. Com o objetivo de avaliar a produção literária da época, Machado de Assis afirma que quem olhar para a literatura brasileira da segunda metade do século dezanove perceberá certo instinto de nacionalidade e a presença de “certa cor local”. Depois de todo um movimento indianista, entrou em vigor um pensamento que não acreditava que a literatura brasileira pudesse ser fundamentada apenas nos costumes semi-bárbaros e por isso podia alimentar-se dos assuntos que ofereciam à região, as matas, a natureza e o local de forma mais ampla. Assim como a poesia, o romance também se fundamenta nos costumes indígenas na busca de uma nacionalidade, tendo como maior nome do romance indianista, José de Alencar. Entretanto, para ser nacional, Machado de Assis argumenta, é preciso ser homem de seu tempo e de seu país, além de possuir certo sentimento íntimo que nem todo escritor tem. Assim, descrever a natureza, as plantas, as aves e as tribos, obrigatoriamente não quer dizer que há nacionalidade, uma vez que os escritores podem pecar na descrição das figuras e dos lugares.

Avaliação distinta no tom, mas semelhante à feita por Machado de Assis anos antes à publicação de *Instinto de Nacionalidade* pode ser encontrada em *O passado, o presente, o futuro da literatura*, publicado em 1858.

*A poesia de então tinha um caráter essencialmente europeu. Gonzaga, um dos mais líricos poetas da língua portuguesa, pintava cenas da Arcádia, na frase de Garrett, em vez de dar uma cor local às suas líras, em vez de dar-lhes um cunho puramente nacional. Daqui uma grande perda: a literatura escravizava-se, em vez de criar um estilo seu, de modo a poder mais tarde influir no equilíbrio literário da América. Todos os mais eram assim: as aberrações eram raras. Era evidente que a influência poderosa da literatura portuguesa sobre a nossa, só podia ser prejudicada e sacudida por uma revolução intelectual. Para contrabalançar, porém, esse fato cujos resultados podiam ser funestos, como uma valiosa exceção apareceu o Uruguai de Basílio da Gama. Sem trilhar a senda seguida pelos outros, Gama escreveu um poema, se não puramente nacional, ao menos nada europeu. Não era nacional, porque era indígena, e a poesia indígena, bárbara, a poesia do boré e do tupã, não é a poesia nacional. *O que temos nós com essa raça, com esses primitivos habitantes**

29 Notícia da atual literatura brasileira. *Instinto de nacionalidade*. Publicado originalmente em *O Novo Mundo*, 24/03/1873. Todo esse trabalho crítico está reunido e data de publicação recente. Cf. *Obras completas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994.

*do país, se os seus costumes não são a face característica da nossa sociedade?*³⁰

Com a mesma intenção de avaliar a produção literária, separadas por décadas, permanece uma indisposição pela temática regional como via de estabelecimento da nacionalidade, no entanto, Machado de Assis se inscreve no gênero romântico através da sua produção de poeta, das críticas favoráveis a José de Alencar e os fundadores do romantismo brasileiro.

No que diz respeito à sua atuação como crítico, Machado de Assis defendia a necessidade de libertar-se da influência da literatura portuguesa, por outro, o costume dos índios não pode ser nacional, já que não são a face da sociedade.

Com a Independência o país recém-formado tinha, na permanência monárquica, um passado dependente de Portugal insustentável. Por isso, a temática da nacionalidade envolveu a sociedade de forma geral, expressando-se de formas variadas, a mais enfática delas dizendo respeito à criação de uma história nacional. Exemplos para o governo são a criação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, enquanto para a sociedade as comemorações nacionais, o 7 de Setembro, Dia da Independência.³¹

Esses dois caminhos foram percebidos por Machado de Assis que também os considerou na sua crítica da literatura brasileira do século dezenove.

A aurora de Sete de Setembro de 1882, foi a aurora de uma nova era. O grito do Ipiranga foi o — Eureka — soltado pelos lábios daqueles que verdadeiramente se interessavam pela sorte do Brasil, cuja felicidade e bem-estar procuravam. O país emancipou-se. A Europa contemplou de longe esta regeneração política, esta transição súbita da servidão para a liberdade, operada pela vontade de um príncipe e de meia dúzia de homens eminentemente patriotas. Foi uma honrosa conquista que nos deve encher de glória e de orgulho; e é mais que tudo uma eloqüente resposta às interrogações pedantescas de meia dúzia de cétricos da época: o que somos nós? Havia, digamos de passagem, no procedimento do fundador do império um sacrifício heróico, admirável, e pasmoso. *Dois tronos se erguiam diante dele: um, cheio de tradições e de glórias; o outro, apenas saído das mãos do povo, não tinha passado, e fortificava-se só com uma esperança no futuro!* Escolher o primeiro, era um duplo dever, como patriota e como príncipe. Aquela cabeça inteligente devia dar o seu quinhão de glória ao trono de D. Manuel e D. João II. Pois bem! ele escolheu o segundo, com o qual nada ganhava, e ao qual ia dar muito. Há poucos sacrifícios

30 Machado de Assis. O passado, o presente e o futuro da literatura. In: *Obra completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol.III, 1994. Publicado originalmente em A marmota, Rio de Janeiro, 09 e 23/04/1858

31 Para o primeiro caso Cf. SALGADO, Manoel. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Revista Estudos Históricos*, Vol. 1, No 1 (1988). Para o segundo, KRAAY, Hendrik. “Frio como a pedra de que se há de compor”: caboclos e monumentos na comemoração da independência na Bahia, 1870-1900. *Tempo*, v. 14, p. 51-81, 2003. _____. Definindo a nação e o Estado: rituais cívicos na Bahia pós-Independência (1823-1850). *Topoi*, v. 3, p. 63-90, 2001. _____. “Sejamos brasileiros no dia da nossa nacionalidade”: comemorações da independência no Rio de Janeiro, 1840-1864. *Topoi*, v. 8, n.14, jan-jun. 2007, pp. 9-36.

como este. Mas após o Fiat político, devia vir o Fiat literário, a emancipação do mundo intelectual, vacilante sob a ação influente de uma literatura ultramarina. Mas como? é mais fácil regenerar uma nação, que uma literatura. Para esta não há gritos de Ipiranga; as modificações operam-se vagarosamente; e não se chega em um só momento a um resultado.³²

“As Memórias Póstumas de Brás Cubas são um romance?”

É a pergunta de Capistrano de Abreu transcrita no prólogo da terceira edição do romance. Pudera. As publicações literárias no país seguiam um padrão estético e literário inteiramente rechaçado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Não surpreende o fato de um autor cuja atividade literária sempre esteve ligada à imprensa haja publicado contos, ensaios, teatro, romance, em jornais e revistas, ou seja, no formato conhecido como folhetim a preocupação com a apresentação gráfica, tipográfica, do romance, as soluções extravagantes para expressar sentimentos indescritíveis através de reticências, o enorme espaçamento entre os capítulos etc. Contudo, a influência da imprensa na obra de Machado de Assis é superior e foi determinante para a formação do “estilo machadiano” que diz respeito ao diálogo entre o texto de Machado de Assis e a sua forma de publicação.³³ Segundo Flora Sussekind, essa forma de publicação em série permitiu que o autor elaborasse formas distintas de organizar o capítulo que incluísse a expectativa, o suspense, o interesse do leitor, sem, no entanto, recorrer as formas tradicionais com as quais alcançava-se esse efeito no folhetim. A partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a fragmentação dos capítulos se tornou um princípio básico de composição e da exibição da materialidade gráfica do texto impresso – vide “O velho diálogo de Adão e Eva” [no qual reticências representam o ato sexual entre Brás Cubas e Virgília] ou “De como não fui ministro de Estado” [no qual o espaço em branco representa o motivo pelo qual Brás Cubas não foi ministro] –, um modo de, assim, a tensão

32 Machado de Assis. O passado, o presente e o futuro da literatura. In: *Obra completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol.III, 1994. Publicado originalmente em A marmota, Rio de Janeiro, 09 e 23/04/1858

33 “Machado de Assis literalmente se formou como escritor nas páginas dos jornais da Corte. De 1855 a 1861 na Marmota Fluminense de Paula Brito, de 1858 a 1859 em O Paraíba, de 1858 a 1868 no Correio Mercantil, em 1859 como cronista teatral em O Espelho, de 1860 a 1867 como redator do Diário do Rio de Janeiro, de 1860 a 1875 na Semana Ilustrada, em 1862 e 1863 em O Futuro, de 1863 a 1878 no Jornal das Famílias, em 1870 no Jornal da Tarde, de 1876 a 1878 na Ilustração Brasileira, de 1874 a 1876 em O Globo, em 1878 em O Cruzeiro, de 1879 a 1880 na Revista Brasileira, de 1879 a 1898 em A Estação, de 1881 a 1897 da Gazeta de Notícias, de 1895 a 1898 na Revista Brasileira.” SUSSEKIND, Flora. “Machado de Assis e a musa mecânica”. In: *Papéis colados*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002. p. 200-201

entre escrita autoral e impressão mecânica de fato passar a enformar a narração.³⁴

De um outro ponto de vista, Abel Barros Baptista, salienta a composição dos romances de Machado de Assis a partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, sugerindo que no que diz respeito a composição material combinada com as intenções narrativas este romance também foi um divisor.

Romance de idéias, decerto, mas idéias sempre inseparáveis de situações particulares; ou o romance filosófico, mas de uma filosofia desconjuntada pelo humor, ou seja, sem conteúdo generalizável. Tal cruzamento – inédito nas letras brasileiras e sem paralelo no romanesco europeu -, além de repelir a asfixiante temática da “cor local” então predominante, permitiu Machado de Assis lançar mão de modelos literário anacrônicos, recupera-los em uma época de crença férrea no progresso e na ciência e torna-los compatíveis com o exame, absolutamente impiedoso mas nunca retrógrado, da vida, da história e da sociedade modernas.³⁵

Em suas páginas, a oposição ao romantismo e ao naturalismo foi feita de duas formas, principalmente. Um ataque direto ao homem romântico no qual está incluído até o leitor (“o maior culpado desse livro”) e do qual um exemplo seria o emplasto Brás Cubas, anti-hipocondríaco; ao naturalismo, e o hábito de descrever costumes, a genealogia forjada a partir de uma mentira da família Cubas é exemplar. Inda adiante, neste romance há uma nova forma de conceber a nacionalidade, deixando de ser regida pelos tipos ideais (o índio, a natureza, o sertanejo) para organizá-los sob a lógica econômica ou do *status*. Alguns exemplos seriam: Marcela cujo amor ao protagonista tem fundo pecuniário; a solução do pai em fazer Brás Cubas um bacharel formado em Coimbra; o escravo liberto que adquire um escravo e açoita-o como fora açoitado anteriormente. São muitíssimos os exemplos de passagens do livro os quais caberiam para ilustrar as inovações do romance.

Memórias Póstumas de Brás Cubas ressalta a importância da identificação da classe social do narrador do romance para distingui-lo do autor, Machado de Assis e, não do autor do romance, Brás Cubas, pseudo-autor. Nesse sentido, a composição do romance ilustra pelas vozes narrativas, ou seja, as de Machado de Assis e de Brás Cubas, as contradições da sociedade brasileira do século dezenove. E interpreta que as intenções do autor no desenvolvimento das situações nas quais Brás Cubas foi inserido. Trata-se, no dizer de Roberto Schwarz, de um livro escrito contra o seu protagonista.³⁶

34 SUSSEKIND; *op. cit.* p.205

35 BAPTISTA, Abel Barros. O romanesco extravagante. Prefácio. ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2008. p.20

36 A Em entrevista no ano de 1990, por ocasião do lançamento de *Um mestre na periferia do capitalismo*, Schwarz dá uma resposta que de certa forma sintetiza o que ele exaustivamente demonstrou em *Ao vencedor as batatas* e concluiu em *Um mestre...* Um tema básico nos romances da primeira fase é o estrago causado pela conduta arbitrária e caprichosa de algum proprietário. (...) A intenção artística dessas obras, todas mais ou menos fracas e edificantes, é de educar sem ofender, aparar as brutalidades

Como vem sendo feito neste artigo, destaque-se a voz de Machado de Assis na abertura do romance, no prólogo. À pergunta de Capistrano de Abreu, Machado de Assis transcreve um trecho da carta de Macedo Soares que relacionava o romance a *Viagens na minha terra* de Almeida Garret e cita o próprio Brás Cubas que refere-se à Sterne (provavelmente *Jornada Sentimental de França a Itália*) e a *Viagem à roda do meu quarto* de Xavier de Maistre. A passagem a seguir está no referido prólogo:

Macedo Soares, em carta que me escreveu por esse tempo, recordava amigamente as *Viagens na minha terra*. Ao primeiro [Capistrano de Abreu] respondia já o defunto Brás Cubas (como o leitor viu e verá no prólogo dele que vai adiante) que sim e que não, que era romance para uns e não o era para outros. Quando ao segundo, assim se explicou o finado: ‘Trate-se de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo.

Trata-se de autores fora das referências do romantismo, Goethe, por exemplo, e esse conjunto de inovação e crítica ao estabelecido traria conseqüências para a recepção da obra. E, além disso, mesmo essas referências Machado de Assis interdita:

O que faz do meu Brás Cubas um autor particular é o que ele chama “rabugens de pessimismo”. Há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e áspero, que está longe de vir dos seus modelos.

A crítica de Machado de Assis às regras que organizavam o campo literário brasileiro mais o conjunto de interdições do romance às formas de identificação sugeridas pelos outros comentadores, Macedo Soares, por exemplo, inviabilizou um lugar de identificação na recepção da obra.

O maior crítico de Machado de Assis³⁷

inconscientes ou desnecessárias da classe abastada, no quadro geral do clientelismo brasileiro. O que esses livros estão dizendo é que se a gente de posse tratasse os pobres de modo menos bárbaro seria melhor para todo mundo, inclusive para os ricos, já que teríamos uma sociedade mais civilizada. (...) Parece razoável supor que a virada corresponde a uma nova convicção [de Machado], segundo a qual as relações entre os proprietários e seus dependentes não vão se resolver segundo as regras da civilidade, porque o interesse dos primeiros não é este (SCHWARZ, 1999, p. 223-4). *Apud*. SPALDING, Marcelo. R. S. e o pobre na literatura brasileira. p.27

37 É vasto o conjunto de estudiosos sobre Silvio Romero e especialmente sobre a sua atuação crítica de Machado de Assis. Neste artigo, este tópico foi realizado através das leituras de BARIANI, Edison. Machado de Assis e as críticas de José Veríssimo e Silvio Romero. I Colóquio da Faculdade de Santa Rita (FASAR) "Machado de Assis, cem anos depois", 2007. disponível em: http://www.achegas.net/numero/40/bariani_40.pdf SCHNEIDER, Alberto Luiz. Sílvia Romero, hermenêutica do Brasil. São Paulo: Anablume, 2005. MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. Sílvia Romero vs. Machado de Assis: crítica literária vs. literatura crítica. In: Revista da Anpoll. vol 1, n.24.

Como se não bastasse, a crítica literária que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* deveria enfrentar era formada pelo crivo naturalista da chamada “geração de 1870”. A introdução deste outro gênero literário, no Brasil, não significou uma reorganização do campo literário na qual outra temática substituiu o tema da nação que persistia como critério fundamental para o julgamento artístico. Assunto que já foi abordado anteriormente. E para esse julgamento, o principal crítico literário era Silvio Romero.

Machado de Assis, a partir da atuação como crítico literário exposta anteriormente, enfrentou o fato dele mesmo ter escrito obras do gênero romântico. E uma pergunta natural seria a como reconhecer, então, a sua própria produção da época. A *Advertência* escrita por ocasião do lançamento das poesias completas evidencia algo semelhante ao que ocorreu com José de Alencar, a identificação das obras românticas, como obras do passado, de juventude.

Podia dizer, sem mentir, que me pediram a reunião de versos que andavam esparsos; mas, a verdade anterior é que era minha intenção dá-los um dia. Ao cuidar disto agora achei que seria melhor ligar o novo livro aos três publicados, Crisálidas, Falenas, Américas. Chamo ao último Ocidentais. Não direi de uns e de outros versos senão que os fiz com amor, e dos primeiros que os reli com saudades. *Suprimo da primeira série algumas páginas; as restantes bastam para notar a diferença de idade e de composição.* Suprimo também o prefácio de Caetano Filgueiras, que referiu as nossas reuniões diárias, quando já ele era advogado e casado, e nós outros apenas moços e adolescente; menino chama-me ele. Todos se foram para a morte, ainda na flor da idade, e, exceto o nome de Casimiro de Abreu, nenhum se salvou. *Não deixo esse prefácio, porque a afeição do meu defunto amigo, a tal extremo lhe cegara o juízo, que não viria a ponto de reproduzir aqui aquela saudação inicial.* A recordação só teria valor para mim. Baste aos curiosos o encontro casual das datas, a daquele, 22 de julho de 1864, e a deste. Rio, 22 de julho de 1900.

Os dois grifos em itálico aqui registram a mesma interdição encontrada no prefácio de José de Alencar, a argumentação é a mesma inclusive, a passagem do tempo, a idade, como sobriedade narrativa, logo, considera sua obra romântica “obra de juventude”.

Silvio Romero foi seu maior crítico, com certeza. Em alguns dos seus trabalhos publicados sobre literatura brasileira e também em um livro sobre Machado de Assis criticou-o severamente. Segundo ele,

Depois da mutação por que, de 1870 em diante, foi passando o espírito dos intelectuais brasileiros, sob a influência partida da escola de Recife, houve certo grupo de românticos que não tiveram a coragem de atirar fora a velha bagagem e tomar outra nova, entrando nesse renovamento do pensar nacional pela crítica, e começaram a se mostrar amuados, displicentes, irônicos, desgostosos, rebuscados, misteriosos e pessimistas. Impotentes já, pela idade, de tomar um partido definido entre as grandes correntes filosóficas que dividiam o século, materialismo, positivismo, evolucionismo. Monismo transformístico, hartmanismo, ficaram a burilar frases com o ar enigmático de faquires, falando em nome de não sabemos que cousas ocultas que fingiam saber. Neste singular grupo Machado de Assis foi chefe de fila”. (...) O Machado de Assis dos últimos anos era fundamentalmente o

mesmo eclético de trinta ou quarenta anos atrás: meio clássico, meio romântico. meio realista, uma espécie de *justemilieu* literário, um homem de meias tintas, de meias palavras, de meias idéias, de meios sistemas, agravado apenas pelo vezo humorístico, que não lhe ia bem, porque não ficava a caráter num ânimo tão calmo, tão sereno, tão sensato, tão equilibrado, como era o autor de *Tu só, tu, puro amor*.³⁸

Note-se, de passagem, que o trecho mencionado é de crítica em caráter programático, definindo com exatidão o campo literário do século dezenove. Marca a oposição feita pela “geração de 1870”, identifica as alterações dos autores românticos e identifica Machado de Assis com o Romantismo. *Tu, só tu, puro amor* foi publicado no mesmo ano, 1880, e no mesmo periódico, *Revista Brasileira*, na qual Machado de Assis publicou *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. A crítica é direta, pois. Para Silvio Romero, o autor era um velho romântico cuja característica da personalidade ressaltada pelo personagem, Silvio Romero une personagem e autor, não corresponde a personalidade de Machado de Assis. E interdita qualquer chance de filiação ao Naturalismo, principalmente. Embora aceite e julgue favoravelmente as passagens nas quais Machado de Assis “descreve” a “vida brasileira”, característica da literatura naturalista como quando Brás Cubas relembra seu batizado, por exemplo.

O enfrentamento entre Machado de Assis e Silvio Romero iniciou-se quando Machado de Assis publicou uma crítica sobre os naturalistas na *Revista Brasileira*, em 1879, revista na qual sairia a primeira edição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Nele, o autor analisou alguns poetas naturalistas, dentre eles Sílvio Romero que havia publicado *Cantos do fim do século* um ano antes. Machado de Assis já havia publicado contra a temática da nacionalidade, nessa ocasião opõe-se a proposta estética cientificista do naturalismo, citando o autor, e suas principais referências na Escola do Recife, Tobias Barreto e Castro Alves.³⁹

Contudo, a crítica de Silvio Romero ultrapassou a fronteira literária adentrando pelas possibilidades literárias de Machado de Assis a partir do seu lugar social. Destarte, os textos que escreve Silvio Romero escreve sobre Machado de Assis tentam enquadrá-lo pela suas origens.

Quem já o estudou à luz de seu meio social, da sua influência, de sua educação, de sua hereditariedade não só física como étnica, mostrando a formação, a orientação normal de seu talento? Quem já lhe ‘assinou o posto’ na história espiritual do país?⁴⁰

38 Essas críticas são citações de. ROMERO, Silvio. *Machado de Assis, estudo comparativo de literatura brasileira*. Rio de Janeiro; Laemmert & Cia., 1897. p.14-15.

39 BARIANI, Edison. Machado de Assis e as críticas de José Veríssimo e Silvio Romero. I Colóquio da Faculdade de Santa Rita (FASAR) "Machado de Assis, cem anos depois", 2007. disponível em: http://www.achegas.net/numero/40/bariani_40.pdf SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Sílvio Romero, hermenêuta do Brasil*. São Paulo: Anablume, 2005.

40 ROMERO, 1897, p. 18

Para Silvio Romero, o autor deveria escrever de acordo com seu ambiente, seu meio, sua origem, sua raça, e, para ele, Machado de Assis nunca o fez. Adotando certo critério de nacionalidade para julgar a qualidade da obra,

(...) Machado de Assis não sai fora da lei comum, não pode sair, e ai dele, se saísse. Não teria valor. Ele é um dos nossos, um genuíno representante da sub-raça brasileira cruzada, por mais que pareça estranho tocar neste ponto.⁴¹

O critério de avaliação literária no período é o mesmo que realiza a criação literária. Oriundo de uma sub-raça com características próprias, não caberia a Machado de Assis escrever fora delas. Neste trecho, uma tentativa de identificar Machado de Assis “mestiço, ele é um dos nossos, e só pode ser e escrever como todos os brasileiros”.

Machado de Assis que (...) por dez anos seguidos, até 1870, (...) se manifestou tão plácido, tão brando, tão sossegado de índole, de aspirações e de estilo, não poderia de repente se transfigurar em grande filósofo, terrível manejador de ‘humour’, profundo pensador de espírito dissolvente e irritadiço, envolvendo a criação e a humanidade nas malhas de um pessimismo fulgurante.⁴²

Inicialmente, caracterizei Machado de Assis como descendente de escravos, homem livre, letrado, funcionário público, formador de opinião pública etc. Silvio Romero especifica essas características de acordo com o critério racialista no naturalismo “mestiço, nascido nas camadas desfavorecidas era impossibilitado de usar técnicas diferentes dos de sua condição”.⁴³

A oposição de Machado de Assis ao romantismo, a não adesão do autor ao naturalismo, ou o veto dos autores naturalista da inclusão do autor, deixou o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* sem um lugar definido. Vou repetir o lugar-comum o qual *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foi um marco de ruptura na carreira de Machado de Assis para acrescentar que também o foi dentro do campo literário no qual foi escrito. Quando da escolha do título para esse artigo julguei que *Defunto autor* era exato, afinal foi o enterro do escritor romântico, dos outros, e, é claro, do próprio Machado de Assis, com a distinção de que para esse autor o porvir, de fato, foi outro berço. Mas, por outro lado, a singularidade do romance em questão explica-se exatamente nesse enterro do romantismo, nessa não adesão da crítica literária do naturalismo. Não se identificando com um gênero, não sendo aceito pelo outro, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* encerrou-se numa espécie de isolamento ou um lugar à parte, um *Romance fora do lugar* para o qual o seu êxito certamente seja explicado pelo valor da obra, mas, também certamente por outros lugares que o autor viria a ocupar.

41 ROMERO. op. cit. 1898, p. 28.

42 ROMERO. op. cit. 1898, p. 48.

43 MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. Sílvio Romero vs. Machado de Assis: crítica literária vs. literatura crítica. In: *Revista da Anpoll*. vol 1, n.24

Referências Bibliográficas

ARANHA, Graça. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*. Comentários e notas à correspondência entre esses dois escritores. Rio de Janeiro, Monteiro Lobato & Cia., 1923.

BAPTISTA, Abel Barros. O romanesco extravagante. Prefácio. ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2008. p.20

BARIANI, Edison. Machado de Assis e as críticas de José Veríssimo e Silvio Romero. I Colóquio da Faculdade de Santa Rita (FASAR) "*Machado de Assis, cem anos depois*", 2007. disponível em: http://www.achegas.net/numero/40/bariani_40.pdf

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1970

_____. Raymundo Faoro leitor de Machado de Assis. In: *Estudos Avançados*, 2004, vol.18, n.51, pp. 355-376.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 3ª ed.

São Paulo: Martins, 1969.

_____. *O método crítico de Silvio Romero*. 4ª ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. "Esquema de Machado de Assis". In: *Vários Escritos*. São Paulo, Duas Cidades, 1970.

CARVALHO, José Murilo de. "As Duas Repúblicas". In: *Machado de Assis e Joaquim Nabuco: Correspondência*. Rio de Janeiro: Topbooks / Academia Brasileira de Letras, 3. ed., 2003.

CHAGAS, Wilson. *A fortuna crítica de Machado de Assis*. Porto Alegre: Movimento, 1994.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 3ª ed. Rio de

Janeiro: Globo, 1988.

_____. *Sílvio Romero: teoria, crítica e história*. Seleção e apresentação de Antonio

Candido. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978.

(Biblioteca universitária de literatura brasileira).

FRANCHETTI, Paulo. O triunfo do romantismo: indianismo e estilização épica em Gonçalves Dias. In: *Multiclássicos épicos*. TEIXEIRA, Ivan (org). São Paulo: Edusp, 2008. RODRIGUES, Fábio Della Pacho. Um crítico para inglês ver: Sílvio Romero e seus estudos sobre Machado de Assis. *Publicações de alunos de graduação e pósgraduação do Instituto de Estudos da Linguagem* – Unicamp. Disponível em:

<<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/c00013.htm>>. Acesso

em 29 de julho de 2006.

LIMA, Luis Costa. *Pensando nos trópicos: dispersa demanda II*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p.98

MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. Sílvia Romero vs. Machado de Assis: crítica literária vs. literatura crítica. In: *Revista da Anpoll*. vol 1, n.24.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

_____. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Sílvia Romero, hermenêutica do Brasil*. São Paulo: Anablume, 2005.

SUSSEKIND, Flora. “Machado de Assis e a musa mecânica”. In: *Papéis colados*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002. p. 200-201

_____. SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p.123. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.